

**Resumo:** Sem a pretensão de ser exaustivo, o presente texto resgata primeiramente o interesse do episcopado pelo homem latino-americano e caribenho, como sujeito e destinatário de toda obra evangelizadora e de toda ação transformadora da realidade. Em seguida, respiga de dentro dos documentos do magistério episcopal do continente, elementos da doutrina da antropologia cristã, que sempre vê o homem na luz de Deus e de seu Cristo, o Deus feito homem. Depois, sintetiza a visão que o episcopado tem do homem em sua concretude histórica. Por fim, retoma aspectos da consciência e da prática da Igreja em seu serviço ao homem. Na conclusão, que se pretende prospectiva, apresentam-se sugestões a se ter em conta na preparação e na divulgação da reflexão teológica e das propostas pastorais que surgirem de Aparecida.

**Abstract:** The article fixes the interest of the bishops in the people of Latin America and the Caribbean and descends from the unity of a comprehensive vision towards the varied recipients coming to share the entire work of evangelization and its feedback engaging in working out the implications and fulfilling the promise of transforming reality. The following section selects relevant subjects dealt with in doctrinal documents published by the bishops, emphasizing those aspects of Christian anthropology concerned with the human being enlightened by the revelation of God and heightened to the dignity of God's likeness in the light of Christ who became man. Moreover, a synthesis of the bishops' apprehension of data and acknowledgement of values concentrates on the historical situation of humankind on this continent. Finally, there arises a good insight into the self-understanding of the Church engaged in the service for the good of mankind. The concluding section provides suggestions to be brought out into the open so that theological insight and pastoral endeavors may result in further development and stir up new initiatives through the Conference in Aparecida.

## A Antropologia Cristã no Magistério Episcopal Latino-Americano

*Vitor Galdino Feller*

O Autor é Doutor em Teologia, Professor de Teologia Sistemática e Diretor do ITESC.

Encontros Teológicos nº 45  
Ano 21 / número 3 / 2006, p. 55-68.



## Introdução

A aproximação da Conferência de Aparecida é uma oportunidade para se refletir sobre a antropologia teológica que está presente nos documentos das conferências do episcopado latino-americano. O que nossos bispos disseram sobre o homem nos documentos de Medellín, Puebla e Santo Domingo? O conhecimento da doutrina cristã sobre o homem, elaborada por nossos pastores, no chão e na história deste continente, poderá nos ser útil para um enquadramento mais contextual e histórico de nossa reflexão teológica e de nossa ação pastoral. Além disso, servirá para retomar a caminhada feita até aqui e pavimentar a estrada rumo à próxima Conferência do CELAM.

Sem a pretensão de ser exaustivo, o presente texto resgata primeiramente o interesse do episcopado pelo homem latino-americano e caribenho, como sujeito e destinatário de toda obra evangelizadora e de toda ação transformadora da realidade. Em seguida, respiga de dentro dos documentos do magistério episcopal do continente, elementos da doutrina da antropologia cristã, que sempre vê o homem na luz de Deus e de seu Cristo, o Deus feito homem. Depois, sintetiza a visão que o episcopado tem do homem em sua concretude histórica. Por fim, retoma aspectos da consciência e da prática da Igreja em seu serviço ao homem. Na conclusão, que se pretende prospectiva, apresentam-se sugestões a se ter em conta na preparação e na divulgação da reflexão teológica e das propostas pastorais que surgirem de Aparecida.

## Interesse das Conferências do CELAM pelo homem latino-americano

No primeiro parágrafo da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em Medellín, na Colômbia, em 1968, afirma-se algo que será uma espécie de fio de ouro a ligar todas as conferências do CELAM: o interesse pelo homem latino-americano. A Igreja da América Latina “situou no centro de sua atenção o homem deste continente, que vive um momento decisivo de seu processo histórico” (DM, Intr.1). Fiel aos ensinamentos do Concílio Vaticano II e dos últimos pontífices, a Igreja do continente sabe que, “para conhecer a Deus, é necessário conhecer o homem; pois Cristo é aquele em quem se manifesta o mistério do homem” (DM, Intr.1). Ela tem consciência de que o processo de transformação por que passa o continente atinge o ser humano em todos os níveis, do



econômico e político até o cultural e religioso (DM, Intr. 4). Ela reconhece os vestígios da imagem de Deus e do Reino de Deus nos anelos do homem latino-americano: libertação diante de qualquer servidão, maturação pessoal, personalização mais profunda, integração coletiva, coesão fraterna, domínio cada vez maior da natureza, transformação da sociedade, desenvolvimento econômico (DM, Intr. 4).

Por isso, a primeira série de setores, sobre os quais se debruça a Conferência de Medellín, se refere à promoção humana de cada pessoa e dos povos do continente. Entram aqui os importantíssimos temas humanos da justiça e da paz, da família e da demografia, da juventude e da educação (DM 1-5). Também quando, na segunda e na terceira partes, se trata respectivamente da evangelização e do crescimento da fé, e das estruturas da Igreja visível, a Conferência de Medellín considera primeiramente o homem e sua realidade, para, a partir daí, fazer suas reflexões teológicas e recomendações pastorais. Os temas que seguem – a pastoral das massas e das elites, a catequese e a liturgia (DM 6-9), os movimentos leigos, os sacerdotes e os religiosos, a formação do clero, a pobreza da Igreja, a colegialidade eclesial e os meios de comunicação social (DM 10-16) – obedecem sempre a esse roteiro: primeiro, a realidade humana; depois, a reflexão teológica e a proposta pastoral.

A III Conferência Geral, reunida em Puebla, no México, em 1979, na esteira de Medellín, continua centrada na atenção ao homem concreto. Pode-se dizer que há em Puebla duas antropologias, como há também duas cristologias e duas eclesiologias. Há uma cristologia (DP 170-219), uma eclesiologia (DP 220-303) e uma antropologia (DP 304-339), de caráter mais dogmático, doutrinal, explícito. Elas se concentram nos capítulos em que se expõe, precisamente, a verdade cristã sobre Cristo, sobre a Igreja e sobre o homem. Tratando-se de um espaço restrito e preciso, parece haver a preocupação de exatidão, de ortodoxia. Ainda assim, percebe-se, como pano de fundo, uma preocupação em situar histórica e pastoralmente cada um desses tratados teológicos. Contudo, no decorrer do documento, ao referir-se à visão histórico-cultural-pastoral, aos desafios evangelizadores, aos meios e agentes de pastoral etc., há um acento maior na inserção, no chão continental.

Também a IV Conferência, reunida em Santo Domingo, na República Dominicana, em 1992, segue o mesmo caminho. Como se poderá ver mais adiante, toda a sua reflexão está centrada no homem latino-americano e caribenho. Há, porém, uma diferença marcante. Como reação às ideologias do final do milênio passado e graças à pregação



catequética de João Paulo II, sua antropologia é mais crítica. A cultura de morte é permanentemente lembrada como chão a partir de onde se faz teologia e se pensa a ação pastoral.

### O homem novo à luz de Deus e de Cristo

Sem fugir da triste realidade em que se situa o homem latino-americano, a Igreja da América Latina, desde o Documento de Medellín, aponta para o ideal do homem novo, a realizar-se em Cristo. A mensagem que ela tem a transmitir se volta para as origens da humanidade, criada à imagem e semelhança de Deus, à imagem do novo Adão, Jesus de Nazaré, o Cristo da fé. É em Deus-Pai e no seu Filho Jesus, Deus feito homem, que a humanidade como um todo e cada homem em particular encontram sua realização. “Deus que criou o homem (...) é o mesmo Deus que, na plenitude dos tempos, envia seu Filho para que, feito carne, venha libertar todos os homens, de todas as escravidões a que o pecado os sujeita: a fome, a miséria, a opressão e a ignorância, numa palavra, a injustiça que tem sua origem no egoísmo humano” (DM 1.3). Daí a afirmação sempre constante de que a renovação das estruturas sociais passa pela conversão de cada homem. Daí também o retomado anúncio de que só em Cristo se esclarece o mistério e se resolve a miséria do homem; só em Cristo, pela fé e pelo batismo, e pelo dom do Espírito, o homem se torna nova criatura (DM 1.4; GS 22).

Essa concepção do homem novo realizado em Cristo reflete-se na concepção doutrinal sobre a paz, que “não é simples ausência de violências e de derramamento de sangue” (DM 2.14). Citando a *Gaudium et Spes*, do Vaticano II, bem como as encíclicas *Pacem in Terris*, de João XXIII, e *Populorum Progressio*, de Paulo VI, a Conferência de Medellín situa o grande valor da paz no horizonte da realização e da felicidade do homem concreto. “A paz é, antes de mais nada, obra da justiça; ela supõe e exige a instauração de uma ordem justa, na qual todos os homens possam realizar-se como homens, onde sua dignidade seja respeitada, suas legítimas aspirações satisfeitas, seu acesso à verdade reconhecido e sua liberdade pessoal garantida” (DM 2.14).

Também o Documento de Puebla insistirá que só em Cristo se manifesta a verdadeira grandeza do homem (DP 169, 305, 319). Sendo imagem de Deus (DP 189, 435), o homem é amado por Deus (DP 74) e por ele eternamente idealizado e escolhido (DP 184, 335). Querido e criado por Deus, o homem é um ser único e irrepitível (DP 335), destinado



a ser filho de Deus (DP 205), participante da divina comunidade trinitária (DP 182), colaborador do divino desígnio de salvação de toda a humanidade (DP 187). Todo homem é um ser sacramental (DP 920), ao mesmo tempo espiritual e corporal (DP 324; 336), religioso e social (DP 325, 389-390; 324,336). Desde que fique garantida sua relação com o Criador, o homem é um ser livre, co-criador e senhor do mundo (DP 321s, 327, 335).

O Documento de Santo Domingo continua na mesma linha, apresentando o homem como um ser crístico, capaz de decisão e resposta. Único ser criado capaz de diálogo com seu Criador, o homem é chamado a seguir pela história afora o apelo divino à comunhão. Criado com todas as outras criaturas por Cristo, em Cristo e para Cristo (CI 1,12-20), que é a causa eficiente, exemplar e final da criação, o homem é um ser crístico. Desde a criação, ele está marcado pela graça. Por isso, reconhece Santo Domingo, ele pode decidir-se livremente pelo caminho da vida e pode responder à exigência de ser perfeito como o Pai (Mt 5,48), e de viver e morrer por Deus e para Deus (DSD 10).

A criação em Cristo garante a prioridade e superioridade da graça sobre o pecado. Portanto, mais do que subordinado ao poder do pecado, como pregava antes uma pesada visão hamartiocêntrica, o homem está definido desde o início até o fim pela graça da criação em Cristo. Ele é chamado a ser como Cristo, obediente no diálogo com o Pai, responsável na missão recebida. É esta visão cristocêntrica e histórico-salvífica que irá delineando, no decorrer dos três grandes temas (nova evangelização, promoção humana e cultura cristã), a antropologia de Santo Domingo. A estrutura ontológica do homem é relacional e dialógica. Criado em Cristo, ele é como o Filho diante do Pai, obediente, capaz de decidir-se livremente pela resposta amorosa à vontade do Deus Criador. Sendo livre para a relação dialógica com o Pai, o homem pode rejeitar sua condição original. É por meio do pecado que, embora não totalmente, se rompe a estrutura do homem e o tecido original da criação inteira. Mas Deus, comunhão trinitária, garante a unidade do homem consigo mesmo, com os outros e com o mundo criado, unidade esta que é fundamento da antropologia cristã (DSD 264; DP 322). Deus é fiel a si mesmo e à sua obra criadora. O Filho estará sempre sustentando a criação (CI 1,17), para a recapitular, a re-encabeçar (Ef 1,10) em si mesmo, e a apresentar reconciliada ao Pai (CI 1,20; 1Cor 15,24.28). “Tudo passa por Cristo, que se faz caminho, verdade e vida” (DSD 121). O homem encontrará sua realização na conformidade com o Filho, tornando-se como ele obediente ao Pai, unido



pelo Espírito, homem novo e mulher nova, missionários da comunidade humana, no serviço da vida, no diálogo com o próximo, na administração responsável da criação.

É em Jesus Cristo, Verbo Criador (Jo 1,3) e encarnado (Jo 1,14), que temos a perfeita revelação do homem ao próprio homem e a expressão da sublimidade de sua vocação. Ele se insere no coração da humanidade e convida todas as culturas a se deixar levar por seu espírito à plenitude (DSD 13;159: em ambos os números se cita GS 22; cf. tb. RH 8-10).

O encontro com Deus criador e salvador, condição fundamental para a realização do homem, como pessoa e coletividade, só se dará por uma formação espiritual em que cada um aprenda a “ver a Deus em sua própria pessoa, na natureza, na história global, no trabalho, na cultura, em todo o secular, descobrindo a harmonia que, no plano de Deus, deve haver entre a ordem da criação e a da redenção” (DSD 156). Só “Deus é o único Senhor da vida”, e “o homem não é, nem pode ser, amo ou árbitro da vida humana” (DSD 223).

### A concretude do homem e da história

A Conferência de Medellín, na esteira do Vaticano II, lançou um novo modo de compreender o ser humano: ele não é um ser abstrato, mas real; não apenas espiritual, mas também corporal. “Não podemos deixar de pressentir a presença de Deus, que quer salvar o homem inteiro, alma e corpo” (DM, Intr. 5; DP 324; 336). O homem é um ser concreto e, por isso, também a história há de ser vista na concretude das ações humanas, por vezes ambíguas e conflitivas. O homem ideal, realizado em Cristo, e a história ideal, realizada no céu, não são descolados do homem real e da história real. O mistério de Deus é revelado na pequenez do homem e da história. Por isso, a conversão e a promoção pessoal, a renovação das comunidades e a transformação da sociedade acontecem nos meandros da conflitividade da história. A ação de Deus acontece hoje, em nosso meio e através de nossas ações. Como nos tempos do povo de Israel, quem age através das pessoas e do povo é o próprio Deus, que salva ao promover passagens de situações menos humanas para situações mais humanas (DM, Intr. 6).

Embora o Reino de Deus não se restrinja às medidas humanas e históricas e não se resolva nas conquistas deste tempo, é aqui e agora que ele é semeado e vai se realizando. “Através de Cristo, ele (Deus) está ativamente presente em nossa história e antecipa seu gesto



escatológico não somente no desejo impaciente do homem para conseguir sua total redenção, mas também naquelas conquistas que, como sinais indicadores, com voz cada vez mais poderosa, do futuro, vai fazendo o homem através de uma atividade realizada no amor” (DM, Intr. 5).

Ao anunciar a realização do homem em Cristo, a Igreja tem sempre o cuidado de não separar as realidades temporais das espirituais. Numa longa e bela citação do Vaticano II, a Conferência de Medellín deixa claro: “A perfeição da vocação humana se alcança com a inserção definitiva de cada homem na Páscoa ou triunfo de Cristo, porém a esperança de tal realização definitiva, antes de adormecer, deve avivar a preocupação de aperfeiçoar esta terra onde cresce o corpo da nova família humana, o que pode, de certa maneira, antecipar a visão do novo século. Não confundimos progresso temporal com Reino de Cristo; entretanto, o primeiro, enquanto pode contribuir a ordenar melhor a sociedade humana, interessa em grande medida ao Reino de Deus. A busca cristã da justiça é exigência do ensinamento bíblico (...) Na busca da salvação devemos evitar o dualismo que separa as tarefas temporais da santificação. Apesar de estarmos rodeados de imperfeições, somos homens de esperança” (DM 1.5; GS 39).

Nesse sentido, com a preocupação de firmar a dignidade humana como valor absoluto, procedente ao mesmo tempo da lei natural e do Evangelho, da razão e da fé, a Igreja latino-americana afirma que em todos os setores da vida o homem deve ter a primazia. Por isso, em todas as estruturas intermediárias, que constituem a trama vital da sociedade – a família e a organização profissional, as empresas e as organizações sindicais, as comunidades camponesas e indígenas, etc. – deve-se sempre ter em conta, conjuntamente, sem oposição, o bem de cada pessoa e o bem comum (DM 1.7-1.15). A título de exemplo sobre a importância da primazia de cada pessoa e do bem comum, vale a constatação crítica da Conferência de Medellín aos dois sistemas dominantes na época: o capitalismo e o marxismo. “O sistema liberal capitalista e a tentação do sistema marxista pareceriam esgotar em nosso continente as possibilidades de transformar as estruturas econômicas. Ambos os sistemas atentam contra a dignidade da pessoa humana; um, porque tem como pressuposto a primazia do capital, seu poder e sua discriminatória utilização em função do lucro. O outro, embora ideologicamente defenda um humanismo, vislumbra melhor o homem coletivo e na prática se transforma numa concentração totalitária do poder do Estado” (DM 1.10).

Esta visão crítica e profética volta na Conferência de Puebla. Agora, porém, as ideologias são outras. A visão cristã sobre o homem



não pode compaginar-se com as visões inadequadas sobre o homem, presentes no continente. As visões e práticas do determinismo, do psicologismo, do economicismo, do consumismo, do liberalismo capitalista, do coletivismo marxista, do estatismo, do tecnicismo e do cientificismo, degradam o homem, desfigurando assim a imagem de Deus (DP 305-315). À percepção dessas visões inadequadas segue-se a condenação de “todo menosprezo, diminuição ou injúria às pessoas e a seus direitos inalienáveis; todo atentado contra a vida humana, desde a que está oculta no seio materno até à que se julga inútil e a que definha na velhice; toda violação ou degradação da convivência entre os indivíduos, os grupos sociais e as nações” (DP 318).

O Documento de Santo Domingo, influenciado pelas nefastas conseqüências da ideologia neo-liberal, da cultura individualista, consumista e hedonista do final do segundo milênio, insiste no peso do pecado. Nenhum homem carrega consigo a semente da vida sempre e totalmente nova. Todos são marcados desde a origem pelo poder do Maligno. Todo humano é paradoxalmente desumano, porque vulnerado pela ruptura de relações provocada pelo pecado. “O homem criado bom, à imagem do próprio Deus, e senhor responsável da criação, ao pecar, caiu em inimizade com ele. Dividido em si mesmo, rompeu a solidariedade com o próximo e destruiu a harmonia da natureza. Nisso reconhecemos a origem dos males individuais e coletivos que lamentamos na América Latina” (DSD 9). O anúncio cristão não poderá esquivar-se dessa verdade. A Igreja, que é convocada à santidade (DSD 31-53), sente o perigo quando há perda do sentido do pecado (DSD 39). Quem não vê e não reconhece sua situação pessoal de pecador, nunca vai converter-se para o caminho da verdadeira humanização em Deus. A sociedade que não vê e não reconhece as causas dos pecados sociais nunca vai empenhar-se pela transformação das estruturas. É próprio do homem não só pecar, mas também negar sua culpabilidade, impondo a culpa sobre outrem (“não fui eu, foi a mulher”; “não fui eu, foi a serpente”, cf. Gn 3,11-13). Por isso, deixada por sua própria conta, a humanidade nunca sairá da condição desumana e desumanizante do pecado.

O Documento de Santo Domingo, quando fala de Cristo como medida de nossa conduta moral, reconhece que na ação pastoral se deve “voltar a tomar consciência do pecado (do pecado original e dos pecados pessoais) e da graça de Deus como força para poder seguir nossa consciência cristã” (DSD 237, parêntese no texto). Embora se deva salientar a humana “dignidade que não se perdeu pela ferida do pecado,



mas que foi exaltada pela compaixão de Deus” (DSD 159), não se pode, contudo, esperar que o homem por si só se salve. Só mesmo Deus é que poderá salvar-nos. É em Jesus, Deus humanado, que aprendemos a sair de nosso egoísmo e superar o desumano do pecado para reconquistar a condição original e definitiva da nossa humanidade, de seres criados à imagem de Deus.

### O serviço da Igreja ao homem

Desde a I Conferência Geral, no Rio de Janeiro, em 1955, a Igreja tem posto como horizonte de sua evangelização o serviço ao homem. Ela já vinha pondo em prática o que o papa João Paulo II viria a formular de modo paradigmático, décadas depois, em sua primeira encíclica, a *Redemptor Hominis*: “O homem é o caminho da Igreja”.

É verdade que as preocupações da Conferência do Rio se concentraram em questões *ad intra*, como: a escassez de sacerdotes; a formação do clero; a preocupação com o número e a qualidade das vocações sacerdotais e religiosas; a ignorância religiosa do povo; organização da cura de almas; a catequese; as missões entre os infiéis, na época, os não-católicos; e a defesa da fé diante das seitas e do espiritismo (DR 1-78). Mas já havia sinais do que iria marcar a ação pastoral da Igreja do continente: a atenção ao homem latino-americano, em sua realidade de angústias e esperanças. Assim é que na Conferência do Rio já se presta atenção às populações indígenas, ainda que em termos de incorporação à nossa civilização, como era próprio da época; aos trabalhadores do campo e da cidade, diante do rápido processo de industrialização; aos povos do mar (DR 79-96).

Na Conferência de Medellín, pede-se explicitamente que a Igreja se envolva nas questões sociais, com vistas a colaborar na superação dos inúmeros problemas que então se avolumavam no continente. “O sentido de serviço e realismo exige da hierarquia de hoje maior sensibilidade e objetividade sociais. Para isso se torna imprescindível o contato direto com grupos distintos, social e profissionalmente, em encontros que proporcionem a todos visão mais completa da dinâmica social” (DM 1.18).

Uma frase, um verdadeiro programa, um paradigma, se encontra no Documento de Puebla a respeito do serviço que a Igreja deve prestar ao homem: “O grande ministério ou serviço que a Igreja presta ao mundo e aos homens que nele habitam é a evangelização (apresentada com



fatos e palavras), a Boa Nova de que o reino de Deus, reino de justiça e de paz, está chegando aos homens em Jesus Cristo” (DP 679, parêntesis do texto). Talvez, porém, se possa ainda acrescentar que o grande serviço da Igreja ao homem latino-americano, na linha de Medellín, é a opção pelos pobres (DP 1134-1165).

Na Conferência de Santo Domingo há uma preocupação maior em especificar o serviço da Igreja ao homem moderno do continente. O novo homem será redimensionado no dinamismo cristológico do desprendimento da encarnação, do serviço. Certamente não é esse o dinamismo pregado pela mentalidade moderna, pelas elites intelectuais, pelos meios de comunicação. A visão secular do homem o apresenta como indivíduo isolado de relações, autônomo em sua relação com Deus, usurpador em sua relação com a sociedade e a natureza. O cristianismo ensina, lembra Santo Domingo, que somente na vida e na liberdade de Cristo é possível romper a estreiteza do secularismo e devolver ao homem a verdade e a dignidade de filho de Deus. Em meio à permanente e progressiva crise social, em meio à cultura de morte, o cristão, enraizado em Cristo, saberá dar respostas às perguntas sobre o sentido da vida e da relação pessoal com Deus (DSD 150).

Por isso, o anúncio de Jesus Cristo, Senhor e Salvador, homem por excelência, modelo da humanidade, deve chegar também aos que vivem sem Deus e indiferentes à questão religiosa. O homem novo, livre e realizado, não poderá ser ateu, secularista, permissivista, hedonista. Diante do Filho humanado, nem o secularismo, nem o indiferentismo, podem vangloriar-se de oferecer a verdadeira imagem do homem (DSD 153-154). Os homens de hoje, quando julgam a religião como atitude anti-humana e alienante, quando se guiam pelo pelagianismo moderno da exacerbação da razão e da liberdade humana, quando se deixam conduzir pela idolatria do ter, do poder e do prazer, em vez de se libertarem, na verdade, enveredam pelo caminho da desumanização, ao reduzirem o homem somente ao valor material. Sem Jesus Cristo, “Salvador único, universal e definitivo”, não haverá libertação do homem. O esquecimento da memória perigosa de Jesus de Nazaré ou sua redução à figura de um mestre de moral, um reformador religioso, um político revolucionário, levará à edificação de uma sociedade sem ética, à existência de homens desconcertados diante das grandes interrogações da vida (DSD 154).

A felicidade do homem de hoje não virá dos movimentos religiosos gnósticos de nosso tempo, marcados pelo dualismo antigo e sempre novo da distância entre Deus e o homem, sem a historicidade e a materialidade



próprias do Deus encarnado em Jesus de Nazaré (DSD 155). O ser humano não alcançará sua definitividade e felicidade nem mesmo pelo avanço da ciência e da técnica, pela organização política e social, pela distribuição igualitária dos bens. Só Jesus Cristo é “o princípio e o fim” (Ap 1,17) de toda realidade humana e cósmica. Jesus Cristo não permite que nenhuma realidade temporal, nem os Estados, nem a economia, nem a técnica, se convertam para os homens na realidade última a que devem submeter-se (DSD 27). Também não será pela revolução dos costumes, pelo exercício democrático, embora demorado, da liberdade, pela criação de uma ética comum, chamada de “ética civil ou cidadã”, ou pela observação de uma “moral de situação” (DSD n.236), que se chegará à criação da nova humanidade. Só Jesus Cristo é a medida de nossa conduta moral. Plenitude do homem e de toda cultura, ele é, como Verbo criador, o fundamento da conduta ética natural, essencialmente ligada à dignidade humana e seus direitos. Sendo fundamento, ele é também norma crítica. Pela sua encarnação num mundo de conflitos, por sua vida de fé e esperança e pelo seu empenho em favor da vida para todos, ele exige a superação da ética natural, quando esta se arrisca a tornar-se puro humanismo. A moral cristã é a forma de vida própria do homem de fé, que com a ajuda sacramental segue a Jesus Cristo, vive a alegria da salvação e abunda em frutos de caridade para a vida do mundo (DSD 231).

### Conclusão prospectiva

Durante 50 anos a Igreja latino-americana e caribenha vem debruçando-se sobre o homem concreto do continente. Tem constatado e denunciado situações desumanas e desumanizantes que, em vez de serem anuladas ou resolvidas, têm se tornado ainda mais graves. Fica a pergunta: a Igreja, em sua voz profética, é ouvida? Uma primeira resposta poderia ser: “não”. Parece que a voz do deus dinheiro, do capital, do lucro, com seus adoradores, é mais altissonante e é a que mais entra nos ouvidos e corações e consciências de nossa gente. A atual situação de pobreza e exclusão, de violência e insegurança, de perda de valores éticos e religiosos, deixa-nos acabrunhados. O Evangelho de Jesus e o magistério da Igreja não são ouvidos.

Resta, porém, outra pergunta: se não tivesse havido tanta profecia, tanta denúncia eclesial das opressões sociais, econômicas e políticas do continente, se não tivesse havido tanta firmeza no anúncio do Reino de Deus, como realidade de paz e justiça a acontecer desde aqui e desde



agora..., em que situação estaríamos? É de supor que, sem a presença do Evangelho e da Igreja, nossa realidade atual seria bem mais desumana.

Como dizia São Paulo, é preciso pregar oportuna e inoportuna (2Tm 4,2) e acreditar contra toda a esperança (Rm 4,18). A Igreja não tem, como o mundo do dinheiro, compromisso com eficácia e resultados. Ela tem compromisso com a ação permanente, com a não-violência ativa.

Podemos, pois, augurar que a V Conferência Geral do CELAM, em Aparecida, na linha das conferências anteriores, continue apresentando uma antropologia teológica concretamente situada, realmente condizente com os desafios atuais que a Igreja deverá enfrentar neste continente. Ainda que seja válida para qualquer continente, dada a universalidade da fé cristã, deverá ter um rosto propriamente latino-americano e caribenho. O rosto quenótico do homem sofrido e sofredor. Neste sentido, não basta uma visão do homem moderno e pós-moderno, sem sua interface de máscara, sem o preço pago pelas conquistas da modernidade. Será preciso insistir na questão da pobreza, da cruz, da luta pela sobrevivência. A modernidade e a pós-modernidade têm preços: a miséria do terceiro mundo, a destruição da natureza, o individualismo reinante, a exclusão das massas pobres, etc.

Por isso, uma visão abstrata do ser humano, sem concretude, sem chão, sem história, não responderá à pergunta: Quem é esse ser humano, que vive e morre, que ama e sofre, no meio de nós? Uma visão abstrata de felicidade (de beleza, paz, plenitude, etc) não morderá a questão: Qual felicidade saciará os sonhos do homem latino-americano e caribenho? Uma visão abstrata da experiência religiosa do nosso povo fugirá das instigantes interrogações: O que é salvação para o pobre? Seria salvação aquilo que oferecem as teologias da prosperidade, o neoliberalismo, as igrejas fundamentalistas, os movimentos pentecostais? Não seria algo mais concreto: emprego, segurança, família, educação, saúde, moradia, alimentação? Uma visão abstrata de pecado deixa escapar as questões ao mesmo tempo teológicas e pastorais: O que é pecado? Onde aparece o pecado? Quais suas formas sociais, estruturais, institucionais? Qual a originalidade do pecado neste continente? Qual o pecado original deste continente?

Será preciso falar do homem latino-americano e caribenho, não posto na cobertura do edifício, mas no solo, no ponto de partida. Um peso exagerado a uma teologia da beleza, da estética, da contemplação, sem a contrapartida com a ética e a militância, com a quênose e a cruz, corre o risco de nada dizer para um continente que precisa de bondade,



de ética, de ação. Nossa questão não é a sede do belo, mas a sede do bem. Não a sede do sentido, mas de justiça. Ou melhor: nossa beleza está na cruz, nossa estética se configura na quênose, nossa contemplação se demora na ação.

A antropologia teológica e pastoral da Igreja latino-americana e caribenha deverá voltar continuamente ao homem plenamente realizado, àquele que encontrou sua felicidade no caminho da obediência, no serviço da cruz: Jesus de Nazaré. A antropologia se fundamenta na cristologia. Esta, por sua vez, deve articular-se com a antropologia. Por isso, é arriscado falar de Cristo Mestre e Salvador, sem sua relação direta, constante e renovadora, com Jesus de Nazaré, em sua humanidade simples, pobre e quenótica. É contraproducente para a evangelização anunciar um ressuscitado sem relação com as cruces das vítimas latino-americanas. Na antropologia e na cristologia de nosso continente, a cruz e a ressurreição de nossas vítimas merecem um capítulo especial, central.

Percebe-se hoje ser muito útil insistir numa visão teológico-mística de Cristo, numa teologia da beleza, da encarnação e da ressurreição, através da fecundação da teologia ocidental, mais ética, profética e crítica, com a teologia oriental, que é mais mística, estética. No entanto, será preciso cuidar para não se perder o equilíbrio. Daí, a necessidade de retomar a pedagogia dos próprios evangelhos: partir do Jesus histórico e da mensagem central de Jesus, o Reino de Deus. A ausência da contextualização social, política, econômica, ideológica da pessoa e da missão de Jesus Cristo justificará o desinteresse com a conflitividade, o martírio, as perseguições. Do próprio Jesus em seu tempo, da Igreja do continente, e das maiorias pobres e excluídas. Inversamente, uma cristologia historicizada colocará no horizonte da teologia e da pastoral o Reino de Deus, o único projeto que realmente traz felicidade. Aos homens de todos os tempos. Também ao homem moderno, ao homem latino-americano e caribenho.

A centralidade no Reino de Deus, por sua vez, insistirá nos seus principais destinatários, os pobres. Enfocará continuamente os sinais de sua vinda e de sua realização: inclusão dos pobres, dignidade das mulheres, perdão aos pecadores, expulsão dos espíritos negativos, saúde aos doentes. Desmascarará seus opositores: quem seriam, hoje, os sacerdotes que crucificariam Jesus? Quem hoje crucifica Jesus na pessoa dos pobres? De que lado a Igreja se situa na estrutura idolátrica de nossa sociedade, que separa Deus e os ídolos, o Reino e o anti-reino, os discípulos de Jesus e os sacerdotes do mercado?



Como se vê, para que a Igreja latino-americana e caribenha permaneça fiel às suas grandes fontes e tradições (Jesus de Nazaré e as primeiras comunidades cristãs, seus primeiros missionários, o Concílio Vaticano II e os grandes documentos de seu episcopado), há a necessidade de uma concentração cristológica, que relacione bem história e mistério, humano e divino. O mistério e o divino vistos sempre a partir do histórico e do humano.

Resta a pergunta: como, porém, concentrar tudo em Jesus? Religiosidade popular, direito canônico, calendário festivo popular e litúrgico, moral e disciplina, instituições e estruturas, sacramentos e ritos, cargos e títulos, etc., tudo isso pode impedir o encontro com a pessoa e a obra de Jesus. Daí, a coragem de uma real volta às fontes: à graça de Deus-Pai revelada em Cristo Jesus, em sua pobreza, castidade e obediência, em sua fidelidade ao projeto do Pai, em sua solidariedade com os marginalizados, em sua entrega amorosa na cruz, em sua vitória na ressurreição!

*Endereço do Autor:*

Instituto Teológico de Santa Catarina – ITESC  
Rua Dep. Antônio Edu Vieira, 1524  
Pantanal  
88040-001 Florianópolis, SC